



Gravidez na Adolescência na Mídia Impressa¹

Vanesa Lazzaretti²
Ingra Costa e Silva³
Sônia Schena Bertol⁴

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

Resumo

A comunicação é uma das principais ferramentas para intervir na saúde, pois utiliza estratégias para informar e influenciar as decisões dos indivíduos, no sentido de promoverem sua saúde. No caso da gravidez na adolescência, parte da percepção que se tem sobre o tema, advém da abordagem dada pela mídia impressa. A proposta deste estudo pretende deter-se, inicialmente, na verificação deste tema na mídia local, representada pelo jornal O Nacional. Serão analisados os principais enfoques que o tema gravidez na adolescência recebeu neste jornal, seguindo um protocolo de análise elaborado para este fim.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; mídia impressa; análise de enquadramento.

O problema de pesquisa

Considerando que os jornais são uma janela para o mundo, a forma como as notícias são apresentadas nos jornais moldam a opinião pública e direcionam o debate sobre determinado tema. Ponderamos que a percepção do objeto “Gravidez na adolescência” advém de sua abordagem pela mídia impressa. Sendo assim, a proposta deste estudo pretende deter-se na verificação deste tema na mídia local, representada pelo jornal O Nacional; num segundo momento, na mídia estadual, representada pelo jornal Zero Hora; e na mídia nacional, representada pelo jornal Folha de São Paulo. Em cada uma das esferas, estes periódicos são considerados de referência, tanto por sua história quanto por sua circulação e influência editorial. Desta forma, retiraremos intencionalmente deles nosso material de análise, o qual utilizaremos também de forma comparativa, o que irá permitir a compreensão de como a gravidez na adolescência vem sendo enquadrada em cada uma das esferas.

Justificativa

Se pensarmos que o grande público começa a se interessar cada vez mais pela informação científica trazida pelos periódicos e por diversos produtos editoriais que têm

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: 109214@upf.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: ingra.costa@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAC-UPF, email: sobertol@upf.br



se preocupado exclusiva ou complementarmente com a divulgação da ciência, então também é hora de qualificar sua cobertura, surgindo neste quadro a importante presença do comunicador, suscitando interesse, elaborando programas de promoção da saúde pública e de prevenção de doenças coletivas na agenda midiática. Quanto às grandes massas excluídas das benesses das ciências médicas, Carvalheiro nos faz lembrar:

O mundo contemporâneo assiste a uma dramática deterioração das condições gerais de vida e saúde de segmentos cada vez maiores da população. Uma agenda de discussões carregada faz parte do repertório dos teóricos, políticos, empresários e trabalhadores; enfim, de toda a população. Uma ampla diversidade dessa agenda torna difícil identificar a importância relativa de cada um dos atuais temas em debate, tanto no Brasil quanto no exterior. Não passa despercebido, no entanto, o crescente interesse pelo que está ocorrendo na área. As razões mais evidentes a justificar esse interesse, poderiam ser de natureza humanitária, diante da vergonhosa situação da saúde em grande parte do mundo. (CAVALHEIRO, 1999, p.7)

Se parece preocupante a situação da saúde na contemporaneidade, como um bem de acesso restrito àqueles que podem pagar pelos seus altos custos, como lembra o ex-ministro da Saúde José Serra, ao pontuar que:

Os meios de prevenção e tratamento das doenças foram se tornando mais sofisticados e caros. Não apenas face aos frutos crescentes da tecnologia, mas também porque, no passado, existiam mais doenças sem possibilidade de tratamento e estas possibilidades foram sendo abertas ao longo do tempo. (SERRA, 1999, p.39)

A pesquisadora Virginia Silva Pintos considera que:

A Saúde sofreu uma transformação substancial de paradigma nos últimos anos. De uma perspectiva que privilegiava a medicina como único fator de proteção sanitária, se chegou a uma visão que transcende o problema médico para implicar o entorno físico-ambiental e a situação econômico-social do indivíduo. A Saúde, como conceito, foi desenvolvendo novos sentidos; transcendeu a esfera enfermidade/curativa (ausência de enfermidade), para abranger aspectos mais globais: alimentação, moradia, segurança, educação, nível sócio-econômico, ecossistema, justiça social, igualdade e paz. (PINTOS, 2003, p.123)

A saúde é um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, psicológicos e sociais, todos interdependentes. A representação comum de saúde e doença como extremos opostos unidimensionais é muito enganadora. Frijot Capra ressalta que:

A doença física pode ser contrabalançada por uma atitude mental positiva e por um apoio social, de modo que o estado global seja de bem-estar. Por outro lado, problemas emocionais ou o isolamento social podem fazer uma pessoa sentir-se doente, apesar de seu bom



estado físico. Essas múltiplas dimensões da saúde afetam-se mutuamente, de um modo geral; a sensação de estar saudável ocorre quando tais dimensões estão bem equilibradas e integradas. A experiência de doença resulta de modelos de desordem que podem se manifestar em vários níveis do organismo, assim como nas várias interações entre o organismo e os sistemas mais vastos em que ele está inserido. (CAPRA, 1982, pg. 301)

A saúde, portanto, é uma experiência de bem-estar resultante de um equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físicos e psicológicos do organismo, assim como suas interações como meio ambiente natural e social.

Este entrelaçamento entre o social e o biológico, entretanto, vem sendo reivindicado ainda hoje. Luis Ramiro Beltrán (2001) aponta ainda a reafirmação da importância dos conceitos de promoção da saúde e de prevenção da doença quando representantes de 134 países reuniram-se na União Soviética no ano de 1978, em evento promovido pela OMS do qual derivou a Declaração de Alma-Ata, conceitos que também seriam adotados pelo Governo dos Estados Unidos no ano seguinte e que ganhariam grande amplitude no ano de 1986, quando a OMS promove a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, no Canadá. Desta Conferência resultou um documento denominado Carta de Ottawa, “que definiu a promoção da saúde como o processo que consiste em proporcionar aos povos os meios necessários para melhorar sua saúde e exercer maior controle sobre a mesma”. (2001, p.358, tradução nossa). Tanto a reunião de Alma-Ata quanto à de Ottawa tiveram a preocupação de demonstrar também a importância da Comunicação dentro deste novo paradigma de promoção da saúde: “Visto que por definição a promoção deve alcançar seus fins por persuasão, não por coerção, se atribui universalmente à comunicação a qualidade de instrumento chave para materializar tal política de saúde.” (2001, p.361)

A importância da divulgação científica e, dentro dela, de temas correlatos à saúde, vem referendando a consolidação da especialidade da Comunicação da Saúde. A relação entre Comunicação e Saúde veio se afirmando paulatinamente nos últimos anos; profissionais destes campos reconheceram e provaram que eles constituem dimensões da vida cuja articulação (ou ausência de) afeta de maneira direta a saúde e, em um sentido mais amplo, a qualidade de vida dos indivíduos, as famílias e as sociedades. A Comunicação para Saúde (ou Comunicação em Saúde) se refere não apenas a difusão e análises da informação “atividade comumente denominada jornalismo científico ou jornalismo especializado em saúde -, mas se refere também à produção e aplicação de estratégias comunicacionais “massivas e comunitárias” orientadas à prevenção, proteção



sanitária e à promoção de estilos de vida saudáveis, assim como ao planejamento e implemento de políticas de saúde e educação mais globais.

Quando uma adolescente engravida, geralmente ela se vê numa situação não planejada e até mesmo indesejada. Na maioria das vezes a gravidez na adolescência ocorre entre a primeira e a quinta relação sexual. E quando a jovem tem menos de 16 anos, por sua imaturidade física, funcional e emocional, crescem os riscos de complicações como o aborto espontâneo, parto prematuro, maior incidência de cesárea, ruptura dos tecidos da vagina durante o parto, dificuldades na amamentação e depressão. Por tudo isso, a maternidade antes dos 16 anos é desaconselhável.

Para se analisar o comportamento reprodutivo das mulheres na América Latina é importante abordar o período da adolescência por suas implicações sociais e econômicas. Segundo dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, há um claro vínculo entre gravidez na adolescência e pobreza, revelado pela concentração de mães adolescentes pertencentes aos estratos de renda mais pobres. Assim, quando se analisa o nível educacional das mulheres, é possível verificar que quase metade das que não completaram o ensino fundamental foram mães adolescentes contra apenas 7% das que completaram o segundo grau. A forte relação entre maternidade na adolescência e pobreza traz à tona um dos mecanismos de reprodução biológica da pobreza que se traduz nas elevadas taxas de mortalidade infantil, desnutrição e outras graves carências da infância.

Como referimos acima, a Saúde, enquanto conceito vem se desenvolvendo e abrangendo questões mais globais, como a educação e a condição sócio-econômica onde os cidadãos estão inseridos e, para implementar as políticas de saúde, segundo o próprio entendimento da Organização Mundial da Saúde, a Comunicação é uma peça chave, persuadindo os cidadãos a adotarem e manterem comportamentos saudáveis. Assim, acreditamos profundamente que a análise das mensagens emitidas pela mídia impressa sobre a gravidez na adolescência, num panorama local, estadual e nacional, nos fornecerão diversos subsídios de como a questão da gravidez na adolescência vem sendo enquadrada pelos jornais selecionados para o presente projeto, subsídios que nos iluminarão a compreender o ângulo que o debate sobre este importante tema vem ganhando na mídia impressa e, a partir daí, buscar caminhos para o seu aperfeiçoamento.

Comunicação da Saúde



É inegável a emergência do campo da Comunicação da Saúde principalmente na última década, considerada como uma especialidade da sub-área da Comunicação Científica. Universidades, associações de pesquisadores, publicações voltadas para a área, organismos governamentais e diversas organizações voltadas para a saúde no mundo todo, vêm demonstrando interesse em conhecer seus preceitos, utilizar suas estratégias, impulsionar seu crescimento. E isto, como procuraremos demonstrar a seguir, derivou também de uma nova visão da saúde, a qual estaria mais voltada para noções de promoção da saúde e de prevenção da doença, da qual a comunicação não pode estar separada, pois é parte preponderante de um processo que inclui a apresentação e a avaliação de informação educativa, persuasiva, significativa e atraente, que possa influenciar na mudança de comportamento e resultar em comportamentos individuais e sociais sadios. Como lembra Alcalay:

A importância da comunicação no âmbito da saúde é clara. Existe uma disparidade entre os avanços da medicina e o conhecimento e a aplicação destes para o público. Ainda que os profissionais da saúde tenham grandes conhecimentos sobre a prevenção das enfermidades e a promoção da saúde, não sabem necessariamente como comunicar efetivamente esta informação tão vital para a sociedade. Esta situação constitui o foco central do interesse da área de comunicação para a saúde, quer dizer, o estudo da natureza e a função dos meios necessários para fazer com que os temas de saúde cheguem e produzam um efeito nas audiências. (ALCALAY, 1999, p.192-193)

Novas maneiras de olhar a saúde estão sendo reveladas nos últimos anos, ampliando-se a compreensão de que esta relaciona-se diretamente com o contexto e com o entorno físico-ambiental e a situação sócio-econômica-cultural do indivíduo. Assim, ao pensar na saúde, passa-se a levar em conta aspectos mais globais, como alimentação, moradia, segurança, educação, nível social, ecossistema, justiça social, igualdade e paz. Na agenda contemporânea dos temas de saúde, vêm fazendo parte o fomento da adoção e manutenção de estilos de vida saudáveis por parte da população. Sendo assim, a ideia presente hoje que sintetiza o conceito de saúde adotado pela Organização Mundial da Saúde, é de que a saúde é um estado de bem-estar positivo, associado à adoção de atitudes, potencialidades e qualidades e não à mera ausência de enfermidades, o que reforçou mais ainda a relevância dos programas comunicacionais, tendo a saúde encontrado na comunicação um componente fundamental dentro desta sua nova visão.

A intervenção e a comunicação em saúde surgem não só como uma estratégia para prover indivíduos e coletividade de informação, pois reconhece-se que a informação não é o suficiente para favorecer mudanças, mas é uma chave, dentro do



processo educativo, para compartilhar conhecimentos e práticas que podem contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Reconhece-se que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno, com a utilização de uma linguagem objetiva, é um poderoso instrumento de promoção da saúde. O processo de comunicação deve ser ético, transparente, atento aos valores, opiniões, tradições, culturas e crenças da comunidade, respeitando as diferenças. Deve ainda apresentar informações educativas, interessantes e compreensíveis, para assim alcançar os objetivos almejados.

No cenário apresentado por Beltrán (2001), ele remonta à Europa entre 1820 e 1840, quando os médicos William Alison, escocês, e Louis René Villermé, francês, estabeleceram relações entre pobreza e enfermidade. Na experiência do médico francês, pôde-se comprovar que as duras condições de vida e trabalho sob as quais viviam operários têxteis causavam sua morte prematura. Nestes estudos estaria centrada, segundo Beltrán, a noção extremamente atual de promoção da saúde, na qual a Comunicação se engaja como um instrumento indispensável. De seus ideais difundidos no início dos anos 40, repercutiram influências sobre a Organização Mundial da Saúde, que passa a adotar o conceito segundo o qual a saúde é um estado de bem estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de dores ou enfermidades.

Gravidez na Adolescência

Existe um aumento significativo de casos de gravidez em adolescentes. Em 1990, cerca de 10% das gestações ocorria nessa faixa etária. Dez anos depois, o número de mulheres que engravidam entre os 12 e os 19 anos praticamente dobrou, chegando a 18%. Apesar de a sociedade ter se modernizado e as mulheres adotado um outro estilo de vida, e, principalmente, apesar da divulgação de métodos contraceptivos, “a cada ano mais jovens engravidem numa idade em que outras ainda dormem abraçadas com o ursinho de pelúcia” (DRAUZIO VARELA, 2007...). A gravidez na adolescência é considerada de alto risco.

Os dados do Ministério da Saúde (PORTAL DA SAÚDE, 2007.) também ratificam que, no Brasil, a gravidez entre os 15 e 19 anos cresceu, contrariando a tendência geral de diminuição das taxas de fecundidade. A Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) realizada em 1996 demonstrou que 14% das mulheres nesta faixa etária tinham pelo menos um filho e que as jovens mais pobres tinham mais filhos do que as de melhor nível socioeconômico. Além disto, observou-se um aumento



no percentual de partos de adolescentes de 10-14 anos atendidas pela rede do SUS e, também, de curetagem pós-aborto. Na opinião dos especialistas, os dados evidenciam que “Esta realidade, de origem multicausal, revela deficiências na implementação de políticas públicas, exigindo um movimento do governo e da sociedade para promover a saúde e o desenvolvimento da juventude.” (PORTAL DA SAÚDE, 2007...).

Consideramos muito significativo, ainda, o que indicam os dados do periódico “Crianças e Adolescentes -1997”, um trabalho do IBGE junto ao UNICEF, de que “existe um acentuado vínculo entre a gravidez na adolescência, a pobreza e o nível educacional: quase metade das mães adolescentes não completaram o 1º Grau.”(IBGE, 2007...). Isto implica diretamente no fato de que a relação entre a maternidade na adolescência e a pobreza traz à tona graves problemas, como taxas de mortalidade infantil, desnutrição e outras carências à infância brasileira. Esta publicação também divulgou, entre outros dados, que no Sudeste 12,3% da população com mais de 15 anos tiveram filhos e no Nordeste, 13,6% nessa faixa de idade já é mãe.

Sendo assim, consideramos que a Comunicação da Saúde constitui-se num instrumento fundamental para oferecer meios para evitar ou postergar a segunda gravidez e as seguintes, conscientizando as adolescentes sobre todas as implicações que a mesma acarretará para sua vida adulta, orientando-as para uma vida saudável, o que pode ser visto como um direito de cidadania que precisa ser assegurado.

Qualificação do principal problema a ser abordado

Para se analisar o comportamento reprodutivo das mulheres na América Latina é importante abordar o período da adolescência por suas implicações sociais. Segundo dados do IBGE há um claro vínculo entre gravidez na adolescência e pobreza, revelado pela concentração de mães adolescentes pertencentes aos estratos de renda mais pobres. Assim, quando se analisa o nível educacional das mulheres, é possível verificar que quase metade das que não completaram o ensino fundamental foram mães adolescentes contra apenas 7% das que completaram o segundo grau. A forte relação entre maternidade na adolescência e pobreza traz à tona um dos mecanismos de reprodução biológica da pobreza que se traduz nas elevadas taxas de mortalidade infantil, desnutrição e outras graves carências da infância.

A Saúde, enquanto conceito vem abordando questões mais globais, como a educação e a condição sócio-econômica onde os cidadãos estão inseridos e, para implementar as políticas de saúde segundo o próprio entendimento da Organização



Mundial da Saúde, a Comunicação é uma peça chave, persuadindo os cidadãos a adotarem e manterem comportamentos saudáveis. Assim, acreditamos profundamente que a análise das mensagens emitidas pela mídia impressa sobre a gravidez na adolescência, num panorama local, estadual e nacional, nos fornecerão diversos subsídios de como a questão da gravidez na adolescência vem sendo enquadrada pelos jornais selecionados para o presente projeto, subsídios que nos iluminarão a compreender o ângulo que o debate sobre este importante tema vem ganhando na mídia impressa e, a partir daí, buscar caminhos para o seu aperfeiçoamento. Ratificamos aqui a visão de quanto nos é estimulante a verificação da abordagem que a gravidez na adolescência vem ganhando na mídia impressa, e o novo direcionamento que poderá ser dado a esta abordagem a partir de enquadramentos detectados.

Análise de Conteúdo

Para explorar as questões de pesquisa acima, decidimos examinar os textos jornalísticos escolhidos como unidades de análise neste estudo, usando quantitativa e qualitativamente a técnica da análise de conteúdo, cuja história foi descrita por Laurence Bardin em sua obra “Análise de Conteúdo” (1977), pontuando que esta prática funciona há mais de meio século, sendo antecedida por diversas formas de abordar os textos, “de tradição longínqua” (p.14), como por exemplo pela hermenêutica, pela retórica e pela lógica. Afirma que o nome que de fato ilustra seu aparecimento é o do pesquisador norte-americano Harold Lasswell, ao empreender análises de imprensa e de propaganda desde o ano de 1915.

Desde o princípio do século, durante cerca de quarenta anos, a análise de conteúdo desenvolveu-se nos Estados Unidos. Nesta época o rigor científico invocado é o da medida, e o material analisado é essencialmente jornalístico. A Escola de Jornalismo da Colúmbia dá o pontapé de saída e multiplicam-se assim os estudos quantitativos dos jornais”. (BARDIN, 1977,p.15)

Sola Pool (apud BARDIN, 1977, p.20-21) resumiu as novas concepções que foram orientando a Análise de Conteúdo com o passar do tempo, as quais seriam divididas em “instrumental” e “representacional”: A partir daí determina-se que a função da Análise de Conteúdo não é mais meramente descritiva, surgindo a importante noção de inferência: “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção),



inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. (BARDIN, 1977, p.38).

Na análise dos textos jornalísticos que consideraremos para nossa investigação, tentaremos reter fielmente as noções apresentadas acima, isto é, de que esta técnica da análise de conteúdo irá nos fornecer especialmente inferências que poderão ser extraídas das mensagens, com base nos seus enquadramentos, ou seja, oriundas do nosso esquema de interpretação de acordo com o referencial da Análise de Enquadramento. Conforme as informações obtidas são confrontadas com as existentes, pode-se chegar a amplas generalizações, o que torna a análise de conteúdo um dos mais importantes instrumentos para a análise das comunicações de massa. É, portanto, um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens.

Nesta fase, o pesquisador deve descobrir o conteúdo latente, não se detendo apenas no conteúdo manifesto. O conteúdo manifesto leva o pesquisador a apoiar-se em conclusões baseadas em dados quantitativos, numa visão estática e no patamar de simples denúncia de realidades negativas para o indivíduo e a sociedade. O conteúdo latente abre perspectivas, sem excluir a informação estatística, muitas vezes, para descobrir ideologias, tendências e enquadramentos dos fenômenos que se analisam.

Análise de Enquadramento

Selecionar, excluir e ordenar fatos e informações é o que acontece a todo o momento, durante o processo de produção da notícia. Esse processo é trabalhado pelo jornalista e dá forma à mensagem jornalística, que é considerada o reflexo da nossa realidade. No entanto, essa mensagem parte de um determinado enquadramento.

Adotado pelo jornalista para apresentar a notícia, o enquadramento pode ser entendido como o ângulo de abordagem dentre os inúmeros desdobramentos que podem ser adotados para tratar de um mesmo assunto.

De acordo com Murilo Cesar Soares, a noção de enquadramento foi desenvolvida por norte-americanos, sendo a obra *Frame analysis* (1986), do sociólogo Erving Goffman, a referência principal sobre o assunto. Para o sociólogo, os enquadramentos são definidos como marcos interpretativos construídos socialmente, que permitem às pessoas atribuírem sentidos aos acontecimentos e às situações sociais,



basicamente, respondendo à pergunta: “O que está acontecendo aqui?”. Seguindo o pensamento de Goffman, podemos dizer que enquadramentos são maneiras de interpretar e dar sentido ao que se passa ao nosso redor.

A socióloga Gaye Tuchman foi quem primeiro aplicou o conceito de enquadramento no campo dos estudos comunicacionais. No livro *Making news* (1978), Tuchman defende que o enquadramento constitui uma característica das notícias, pois elas “impõem em enquadramento que define e constrói a realidade, (...) as notícias são um recurso social cuja construção limita um entendimento analítico da vida contemporânea”.

Há, portanto, forças que agem e influenciam durante a organização do discurso. O que faz o jornalista escolher uma informação e excluir outra, buscar uma determinada fonte ou destacar certos dados está ligado às ideias que formam o caráter do jornalista. Estas ideias estão relacionadas a preconceitos, modo de vida, condição econômica, posicionamento político, espaço, tempo, entre outras.

Dessa forma, podemos afirmar que enquadramento é o modo que cada pessoa interpreta e dá sentido a todas as coisas, a partir da eleição daquilo que lhe é compreensível e aceitável. Da mesma forma o jornalista, na prática, reproduz os fatos e as informações de acordo com sua interpretação e sentido.

No que se refere à área das notícias de saúde, inúmeros estudos vêm sendo realizados com o intuito de examinar seu enquadramento ou framing (Lima J, Siegel M, 1999; Menashe CL, Siegel M, 1998; Meyerowitz BE, Chaiken S, 1987). Lima e Siegel, por exemplo, dedicaram-se a encontrar o enquadramento das notícias publicadas na mídia acerca do debate nacional sobre o tabaco nos Estados Unidos, durante os anos de 1997-98. Através de uma análise de conteúdo aplicada em artigos extraídos do jornal *Washington Post*, os pesquisadores examinaram as principais tendências de enfoque destas notícias sobre o debate nacional das políticas do tabaco, considerado o debate mais importante sobre este tema na história recente dos Estados Unidos, estando presente nas manchetes dos jornais quase que diariamente durante aquele período.

Este estudo de Lima e Siegel tornou-se decisivo para demonstrar como questões da saúde podem sofrer diferentes interpretações da maneira como são estruturadas/enquadradas nas notícias da mídia, segundo a análise de conteúdo utilizada pelos mesmos com o aparato teórico metodológico da Análise de Enquadramento ou Framing Theory.



A Framing Theory ou Análise de Enquadramento considera que nas notícias ocorre mais do que apenas “trazer” ao público certos tópicos. O modo pelo qual as notícias são trazidas, o enquadramento (frame) no qual as notícias são apresentadas, é também uma escolha feita pelos jornalistas. Segundo Wicks, “Frames tornam as pessoas aptas a avaliar, conduzir e interpretar informações baseando-se em construções conceituais compartilhadas. Deste modo, mensagens da mídia contém sugestões contextuais oferecidas por comunicadores profissionais para ajudar pessoas a entender a informação” (2005, p.339, tradução nossa). Assim, um “frame” representa o modo como a mídia e os editores da mídia organizam e apresentam as questões que eles cobrem, e o modo como as audiências interpretam o que eles estão oferecendo. “Frames” ou enquadramentos são noções abstratas que servem para organizar ou estruturar significados sociais. A Framing Theory ou Análise de Enquadramento também defende que a forma “como” algo é apresentado, influencia nas escolhas que as pessoas fazem.

Ainda que a objetividade seja um um ponto crucial para os jornalistas profissionais, as mensagens construídas por eles sempre estarão carregadas por um conjunto de práticas ou tradições organizacionais e também por suas opiniões e crenças, resultando em mensagens como representações da realidade apresentada por seus próprios prismas. Orientações de cunho político ou econômico particulares a cada meio de comunicação, práticas organizacionais, as próprias crenças do comunicador e as estratégias para atrair audiências, acabam influenciando no enquadramento das mensagens da mídia.

Desta forma, à luz da Análise de Conteúdo e da Análise de Enquadramento, construiremos um protocolo com categorias de análise em consonância com os objetivos da Comunicação da Saúde, cujos conotadores, portanto, serão:

1. corpo, saúde, sexualidade e trajetórias contraceptivas na adolescência;
2. sexo seguro: prevenção da gravidez não desejada, das DSTs/AIDS e do câncer de colo uterino;
3. iniciação sexual e relações de gênero na gestação na adolescência;
4. rastreamento, diagnóstico e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis;
5. educação sexual nas escolas e nos serviços de saúde.

Categoria de Análise



Para analisar o enquadramento dado pela mídia ao tema gravidez na adolescência, elaboramos um protocolo de análise, que segue os parâmetros exibidos na tabela abaixo:

	Gênero	Assunto	Argumento	Linguagem	Público alvo
Corpo, saúde, sexualidade e trajetórias contraceptivas na adolescência	_____	_____	_____	_____	_____
Sexo seguro: prevenção da gravidez não desejada, das DSTs/AIDS e do câncer de colo uterino.	_____	_____	_____	_____	_____
Iniciação sexual e relações de gênero na gestação na adolescência	_____	_____	_____	_____	_____
Rastreamento, diagnóstico e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis.	_____	_____	_____	_____	_____
Educação sexual nas escolas e nos serviços de saúde.	_____	_____	_____	_____	_____

Análise dos Dados

Como primeiro material para a análise de dados, selecionamos uma amostragem do jornal local O Nacional. Escolhemos três meses- abril, julho e setembro/2011 - de forma aleatória. Selecionamos uma semana de cada um desses três meses, para embasar nossa pesquisa. Essas semanas correspondem aos dias: 25 a 30 de abril, 25 a 31 de julho, 24 a 30 de setembro.

Nesta amostragem selecionada, não encontramos nenhuma matéria, reportagem, nota ou citação, que trouxesse o tema da nossa pesquisa, gravidez na adolescência.

Considerações finais

Uma das principais ferramentas (se não a principal) para intervir na saúde, é a comunicação. No âmbito da saúde, a comunicação diz respeito ao estudo e utilização de estratégias para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem sua saúde.

Essa definição é suficientemente ampla para englobar todas as áreas nas quais a comunicação é relevante em saúde. Não se trata somente de promover a saúde, embora essa seja a área de maior importância estrategicamente.

De fato, a comunicação em saúde inclui mensagens que podem ter finalidades muito diferentes, tais como:



- Promover e educar para a saúde;
- Evitar riscos e ajudar a lidar com as ameaças para a saúde;
- Prevenir doenças;
- Sugerir e recomendar mudança de comportamento;
- Recomendar medidas preventivas e atividades de auto-cuidado;
- Informar sobre a saúde e sobre as doenças.

É visível assim que, a comunicação em saúde tem influência importante, tanto a nível individual, quanto em nível da comunidade. Em nível individual ajuda a tomar consciência das ameaças para a saúde, pode influenciar para mudanças que visam reduzir os riscos, bem como reforça atitudes de comportamentos favoráveis à saúde. Em nível da comunidade pode promover mudanças favoráveis nos níveis socioeconômicos e físicos, melhorar a acessibilidade dos serviços de saúde e facilitar a adoção de normas que contribuam positivamente para a saúde e qualidade de vida.

Quando falamos em gravidez na adolescência, a importância da comunicação não muda. Segundo dados do Ministério da Saúde, os maiores índices de gravidez na adolescência estão dentre os menos favorecidos, com acesso limitado tanto a comunicação e troca de informações, como aos meios de prevenção. O comunicador da saúde tem assim um papel fundamental na busca pela mudança desta realidade. Seu dever é informar o público (leitor e/ou alvo da intervenção) acerca das consequências trazidas por uma gravidez durante o período da adolescência. Mais do que isso. O comunicador deve informar também sobre as formas de prevenção, tanto da gravidez, quanto das DSTs.

É importante ter-se em mente que os promotores da saúde devem estar completamente voltados à disseminação da prevenção, pois, no caso da gravidez na adolescência, a problemática abordada não é uma doença. É uma consequência que muda totalmente a vida das pessoas.

Devem-se apresentar todos os aspectos e todas as mudanças que a gravidez na adolescência acarreta, para que assim, cada adolescente forme sua consciência e principalmente, esteja ciente das consequências de seus atos. Dessa forma, o dever do comunicador de saúde, enquanto interventor, é informar todos os aspectos, a fim de criar o hábito da prevenção, e não impor ações, porque a percepção que cada pessoa tem sobre o assunto, varia de acordo com sua cultura.

Em alguns países como a China, por exemplo, que não possui mais capacidade territorial para absorver um número elevado de indivíduos a maternidade é controlada



pelo governo e cada casal só pode ter um filho. Em outras culturas como em tribos indígenas e alguns países africanos gravidez é sinônimo de saúde, riqueza e prosperidade.

No Brasil, onde não há controle de natalidade e onde o planejamento familiar e a educação sexual ainda são assuntos pouco discutidos, a gravidez acaba tornando-se, muitas vezes, um problema social grave de ser resolvido. É o caso da gravidez na adolescência.

O fato de não encontrarmos o tema gravidez na adolescência em nenhuma das edições selecionadas para a nossa amostragem, reflete que, em nível local, a mídia não está preocupada com o assunto, ou então, não está dando a ênfase necessária. Alguns comunicadores e veículos consideram este tema um pouco ultrapassado, porque já foi tido como notícia por diversas vezes. Porém, é necessário lembrar que o público adolescente se renova a cada ano e que, pelo fato de os adolescentes iniciarem cada vez mais cedo sua vida sexual, a preocupação com a prevenção tem que ser constante.

A desinformação e a fragilidade da educação sexual são questões muito problemáticas. As escolas e os sistemas de educação estão muito mais preocupados em trabalhar matérias cobradas no vestibular, como: física, química, português, matemática, etc., do que em discutir questões de cunho social. Dessa forma, temas como sexualidade, gravidez, drogas, entre outros, ficam restritos, quase sempre, aos projetos, feiras de ciência, semanas temáticas, entre outras ações pontuais. Os governos, por sua vez, também se limitam às campanhas esporádicas. Ainda assim, em geral essas campanhas não primam pela conscientização, mas apenas pela informação a respeito de métodos contraceptivos.

É por este motivo que a comunicação da saúde, trabalhada pela mídia, tem tamanha importância. É a forma mais fácil de atingir o maior número de pessoas e fazer com que as mesmas reflitam sobre a gravidez na adolescência, criando uma cultura de prevenção e melhorando seu estilo de vida.

O fato de a mídia local não dar a este tema a atenção necessária quer dizer muito. Mostra que os adolescentes que tem acesso a este meio de comunicação não estão recebendo nenhuma informação acerca de como se prevenir, dos problemas causados pela gravidez na adolescência, das doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros assuntos.

Seguindo a nossa pesquisa, partiremos agora para a seleção da nossa segunda amostragem, desta vez sobre um periódico de circulação estadual, o jornal Zero Hora.



Referências bibliográficas

- ALCALAY, Rina. La comunicación para la salud como disciplina en las universidades estadounidenses. In: Revista Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health 5(3), 1999.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. La importancia de la comunicación en la promoción de la salud. In: Midia e Saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- BELTRAN, Luis Ramiro. Promoción de la salud: uma estratégia revolucionaria cifrada em la comunicación. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix 1986 301p.
- CARVALHEIRO, José R. Os desafios para a saúde. In: Estudos Avançados, São Paulo: USP, 13 v, n.35, Jan/Abr 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Northeastern Univ., 1986.
- LIMA, J; SIEGEL, M. The tobacco settlement: an analysis of newspapers coverage of a national policy debate, 1997-98. In: Tobacco Control, 8 v; 247-253, 1999.
- MELO, José Marques de et al. Mídia e Saúde. Adamantina/SP: UMESP/UNESCO/FAI, 2001.
- MELO, José Marques de. Conhecer-produzir-transformar: paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2001, 36.
- PINTOS, Virginia Silva. Comunicación y salud. In: Inmediaciones de la Comunicación. Montevideú: Universidad Ort Uruguay, 2000, 3.
- SALMON, C.T. (1992) Communication yearbook 15(pp.346-358). Newbury Park, CA : Sage.
- SERRA, José. A questão da saúde no Brasil. Estudos Avançados. São Paulo: USP, 13 v, n.35, jan.-abr. 1999.
- SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.
- TAVARES, Clotilde. *Iniciação a visão holística*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2000. 60 p. 92 p.
- WICKS, Robert H. Message Framing and Constructing Meaning: An Emerging Paradigm in Mass Communication Research. In: Communication Yearbook No. 29, Mahwah, New Jersey, London, 2005.
- http://drauziovarella.ig.com.br/entrevistas/gravidez_adolescencia.asp
- http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=259
- <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/maternidadenaadolescencia.html>
- <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/unicef/saude.html>